

LIVRO

Juan Pablo Escobar Filho do chefe do cartel de Medellín

“Pare-se com a guerra às drogas”

KATYA DELIMBEUF

Juan Pablo Escobar já não responde pelo seu nome. Há 18 anos que é Sebastián Marroquín, a nova identidade que escolheu em 10 minutos folheando a lista telefónica, após a morte do pai, em 1993. Pablo Escobar, o narcotraficante mais famoso de todos os tempos, deixou-lhe, a ele e à família, uma pesada herança: foram pessoas não bem-vindas em muitos países. Veio a Portugal para falar do seu livro, “O Meu Pai” (editora Planeta, 411 págs.), onde conta a história da família. Sebastián fala da infância milionária, dos tempos passados em esconderijos, de quando esteve guardado por 140 militares numa prisão militar na Colômbia ou preso durante meses na Argentina, o país que o acolheu. Sobre o filme “Escobar: Paraíso Perdido”, considera um desperdício um ator como Benicio del Toro gastar talento numa obra de pura ficção. Aos 38 anos, casado e



Escobar com a família na prisão em 1992 (esquerda) e com Juan Pablo bebé (à direita). Ao centro Pablo esta semana em Lisboa

com um filho, vive em Buenos Aires (onde é arquiteto) com a mulher, Andrea, a mãe, Maria Isabel, e a irmã, Manuela. Não tem a quantidade de trabalho de que gostaria. Mais de 20 anos após a morte de Pablo Escobar, o preconceito permanece vivo.

É Sebastián Marroquín há mais anos do que Juan Pablo Escobar. Ainda se vira na rua

se alguém gritar ‘Juan Pablo’? Treinei-me para não o fazer, porque assim foram assassinadas centenas de pessoas na Colômbia. É claro que se chamarem “Juan Pablo” tenho uma reação interna, mas aprendi a controlá-la, por segurança. Até em casa, a família chama-me Sebastián, “Sebas”... Incorporámos completamente as mudanças de identidade. Isso não nos mudou como pessoas,



Escobar com a família na prisão em 1992 (esquerda) e com Juan Pablo bebé (à direita). Ao centro Pablo esta semana em Lisboa

nem foi uma renúncia ao meu pai. Foi uma necessidade para continuar vivo.

Nunca desejou não ser filho de Pablo Escobar?

Não, nunca. Amo o meu pai incondicionalmente. Isso não é negociável. Isso não me impede de reconhecer os seus crimes, os seus erros. O amor que recebi dele nunca o renegarei. Fui das poucas pessoas que só receberam amor de Pablo Escobar.

Defende que o seu pai se suicidou e não que foi morto pelas autoridades, como reza a versão oficial. Isso é uma convicção ou uma certeza?

É uma certeza. Os médicos legistas que autopsiaram o meu pai fizeram-nos chegar o recado, através de amigos, que tinham sido pressionados para alterar as conclusões do relatório. Por respeito pela família, quisermos dizer a verdade. Também há provas fotográficas. Fala-se num tiro num joelho esquerdo, mas nas fotografias não se vê sangue nenhum aí. O meu pai tinha marcas de pólvora ao redor do ouvido direito, típicas de quem se suicida. Falava muito dessa possibilidade conosco. Queria que tivéssemos consciência de que a qualquer momento poderia ser encurralado mas nunca se deixaria apanhar. Para mim, não tem particular importância que se tenha suicidado. Para as autoridades colombianas, sim. Queriam ter a última palavra.

Tentou resgatar a autópsia original?

Claro. Revirei céu e terra para conseguir meter isto no livro, mas não consegui.

O facto de o seu pai ter sido localizado através de uma chamada telefónica para si causou-lhe algum sentimento de culpa?

Essa é outra prova de que o meu pai se matou. Nunca foi apanhado pelas autoridades durante mais de uma década. Nem pela CIA, DEA, Interpol, mercenários, serviços secretos, todos os cartéis de droga. Como é que no preciso momento em que se torna público que a sua família é refém do Estado colombiano se deixa capturar? Nesse dia, por coincidência? Dizia-se que estávamos protegidos pelo Estado, mas na verdade estávamos nas mãos de torcionários. Ele quis telefonar para poder ser localizado. Eu tive plena consciência disso. O

meu pai disse-me a vida toda: “Nunca uses o telefone. O telefone é a morte”. Ora, nesse dia, ligou mais de cinco vezes. A quem estava a telefonar: à família ou à morte?

Que lhe disse Pablo Escobar?

Perguntou se estávamos bem. Eu estava numa divisão rodeado por cinco generais e sabia que havia gente no piso de baixo a ouvir a chamada. Por isso, respondi: “Avozinha, não te preocupes que estamos todos bem...”, e desliguei o telefone para o tentar proteger. Se eu, com 16 anos, tinha consciência dos perigos dessa chamada, por que razão me teria ele ligado? Escolheu morrer nesse dia [2 de dezembro de 1993], não tenho dúvidas disso. Outra prova é que ninguém apareceu a desmentir-me depois da publicação deste livro. Pelo contrário, um polícia que pilotava o helicóptero no dia em que o meu pai morreu ligou ao editor e disse: “O rapaz está a contar a verdade”.

Não deve ser fácil ter um apelido que apenas fecha portas e gera preconceitos.

Já aprendi a lidar com o peso do nome. Interessa-me mais perceber o que podemos fazer com estas tristes experiências. É preciso mudar a forma como se lida com o problema das drogas no mundo.

Mas será que devemos legalizar as drogas duras, sabendo que matam?

Há uma droga que mata muito mais e está legalizada: o álcool. Lá porque aceitamos pagar impostos sobre a bebida

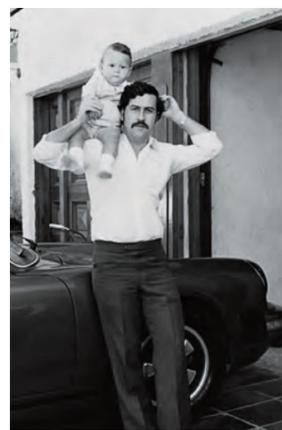


FOTO ACERVO PESSOAL JUAN PABLO ESCOBAR

não quer dizer que andemos bêbedos na rua. Há que declarar paz às drogas. Há 40 anos que lhes declaramos guerra. É tempo de rever as políticas proibicionistas, que só garantiram o crescimento exponencial da violência, da corrupção e do consumo. E que levaram ao surgimento de drogas novas.

Que sucederia aos cartéis de droga e aos traficantes?

No dia seguinte à legalização da droga, desapareceriam. Não teriam como financiar-se. Ficariam sem negócio.

Experimentou droga alguma vez?

Aos 28 anos, experimentei marijuana. Quando tinha oito ou nove anos, o meu pai juntou as drogas todas que existiam numa mesa e disse: “Filho, hoje vamos falar de drogas. Esta é a marijuana, esta é a cocaína, o crack, a heroína...”. Disse-me que as tinha provado todas e falou-me dos efeitos de cada uma. E confessou: “Hoje, sou um consumidor ocasional de marijuana”.

Como é a sua vida atual em Buenos Aires? Os seus amigos olham para si sem ver o filho de Pablo Escobar?

Todos os meus amigos conhecem a minha origem familiar, mas nunca me condenaram por isso. A grande maioria conheceu-me como Sebastián Marroquín, e só muito depois como o filho de Pablo Escobar. Nunca me identifiquei como tal. Os amigos verdadeiros ficaram, os que não eram foram-se...

Como nasceu o gosto pela arquitetura?

Comecei pelo desenho industrial e só depois cheguei à arquitetura. Hoje, olhando para trás, percebo que são profissões ligadas à construção, não à destruição. Na minha cidade natal, Medellín, aprendi que arquitetura e urbanismo podem promover a paz e devolver a dignidade às pessoas.

Quanto do seu tempo é dedicado a conferências sobre o seu pai?

Cerca de 80%.

Não sobra muito tempo para a arquitetura...

Também não me contratam muito... E não é por falta de talento. Muitas vezes escolhem o meu projeto, mas na altura de assinar... Para quê contratar problemas?

Usa o relógio do seu pai, único objeto que recebeu dele? Vai dá-lo ao seu filho?

Tenho-o muito bem guardado. Provavelmente, vou. Ou talvez o doe a uma obra de caridade. Se o dinheiro da sua venda não for confiscado...

Vai falar do avô ao seu filho?

Claro. Um dia verá o documentário e lerá o livro. Se caísse no erro de criar o meu filho na ignorância da sua própria história, estaria a condená-lo a que a repetisse.

internacional@expresso.pt

Conferência Internacional Health Literacy in Portugal

23 abril 2015 - Lisboa

Fundação Calouste Gulbenkian | Auditório 2



9.00 | Abertura

9.30 | Painel 1

HEALTH LITERACY SURVEY – HEALTH LITERACY RESEARCH THROUGHOUT EUROPE

Moderadores: Isabel Loureiro e Constantino Sakellariades

The concept, instrument, study-design and selected results of the European Health Literacy Survey (HLS-EU)

Jürgen Pelikan, Vienna, Austria

Exploring the impact of the HLS-EU project on the European health agenda

Kristine Sorensen, Maastricht, Holanda

11.30 | Painel 2

HEALTH LITERACY – RESULTS, CHALLENGES AND NEW APPROACHES

Moderadores: Maria de Belém e Jürgen Pelikan

Health Literacy as a resource for reducing Health Inequalities: Avenues for reflection

Stephan Van den Broucke, Lovaina, Bélgica

Health literacy survey in Portugal

Rita Espanha, Lisboa, Portugal

FUNDACÃO CALOUSTE GULBENKIAN Avenida de Berna, 45 A 1067-001 Lisboa

www.gulbenkian.pt

14.30 | Painel 3

HEALTH LITERACY – PROFESSIONALS AND PATIENTS/POLICIES AND INTERNATIONAL STRATEGIES

Moderadores: Lynne Archibald e António Vaz Carneiro

Health Literacy in Childhood and Adolescence – A Target for Health Promotion and Primary Prevention

Paulo Pinheiro e Ullrich Bauer, Bielefeld, Alemanha

Promoting the Provider’s Mental Health Literacy to Promote Mental Health of Children at Risk – The Approach of the German Health Literacy in Childhood and Adolescence (HLCA) Consortium

Ullrich Bauer e Paulo Pinheiro, Bielefeld, Alemanha

Policies and actions to improve health literacy in Europe

Jany Rademakers, Utrecht, Holanda

16.30 | Encerramento

Summary and conclusions

Ilona Kickbusch, Genebra, Suíça

CONFERÊNCIA EM INGLÊS